

Mais qualidade, mais jornalismo!

Esta edição da revista *Estudos em Jornalismo e Mídia* oferece aos leitores a segunda parte do dossiê *Qualidade no Jornalismo, Democracia e Ética*, iniciado no número anterior com uma visível pluralidade de abordagens e ricas contribuições à área. Se o primeiro tomo apresentou uma visão panorâmica, recorrendo a geografias distintas, este aqui, um pouco mais concentrado nos contornos brasileiros, incita a mergulhos de maior fôlego em experiências específicas. Combinadas, as duas metades disponibilizam mais de vinte artigos que espelham a mentalidade mais atual a explorar as tensões entre jornalismo e sociedade pelos planos da ética, da técnica e da política.

Neste sentido, preenchem as páginas a seguir as preocupações em torno das expectativas que os públicos alimentam em torno do jornalismo, bem como os parâmetros que a indústria e a academia fixam para esses serviços e produtos. Fazem ecos também as preocupações sobre o vigor e o fracasso do jornalismo como escudo da democracia, o que significa enfrentar um debate sobre suas razões de ser e funções herdadas ao longo da história.

Tais discussões ganham dimensões superlativas num ano como 2020, quando duas das mais importantes democracias ocidentais voltam às urnas. Em outubro, cerca de 150 milhões de brasileiros vão eleger prefeitos, vice-prefeitos e vereadores em mais de 6 mil municípios. Será o primeiro grande teste democrático num cenário midiático nitidamente contaminado por estratégias sofisticadas de desinformação, e determinado não mais pela televisão, mas por redes sociais e serviços de mensagem instantânea. A primeira grande prova em colégios eleitorais menores, historicamente regidos por mais compadrio, patrimonialismo e relações quase sempre amistosas entre políticos e meios de comunicação.

Para além desse laboratório, em novembro, os Estados Unidos realizam novas eleições presidenciais, mobilizando mais de 225 milhões pessoas habilitadas a votar. Como Donald Trump vai buscar sua recondução ao cargo e como sua primeira eleição foi polêmica – não só ela! –, o pleito tende a funcionar também como teste de qualidade de uma administração inusual na liturgia e trepidante na democracia.

Os artigos que convidamos à leitura reforçam a oportunidade histórica de avaliar os atritos entre o poder de governar e o poder de revelar, bem como pensar sobre o que sustenta a qualidade distribuída a partir das redações, e a efetividade moral das escolhas que dali partem.

Em 2018, os telejornais da TV Globo incentivaram a audiência a mandar vídeos com sugestões para a campanha eleitoral daquele ano. O projeto se chamava “O Brasil que eu quero”, e apresentadores e repórteres explicavam exaustivamente a como produzir os pequenos vídeos com celulares e como enviá-los à emissora.

Barichello e Schwartz concentram-se sobre esta iniciativa com o objetivo de delinear as estratégias de legitimação do jornalismo. Apesar de a proposta ter se apresentado como uma vitrine das reivindicações do eleitorado brasileiro, as autoras identificaram a hegemonia da voz da emissora, que transpôs o modo de produção de notícias centralizado do jornalismo tradicional para o jornalismo em midiatização.

Coutinho, Mata e Pereira abordam conceitos de qualidade no telejornalismo, considerando seu papel para o fortalecimento dos anseios democráticos e de representação, mas observando não só produções televisivas mas também seus canais na internet. A comparação se dá entre produtos das quatro principais emissoras públicas e privadas de Brasil e Espanha, permitindo comparações nos níveis de linguagem e estrutura de sistemas de comunicação.

Na mesma direção – analítica e comparativa -, Santos e Guazina mapeiam compreensões sobre qualidade no jornalismo a partir de pesquisas de dois continentes, o americano e o europeu. O artigo não se resigna a ser uma rigorosa revisão de literatura, já que arrisca entrever limites e possibilidades de aplicação do conceito na realidade jornalística.

Reginato empreende um estudo sobre a própria natureza do jornalismo atuante na sociedade. Com isso, esmiúça as finalidades desta atividade no ambiente social, destacando que informar de modo qualificado é central e inerente ao compromisso de reportar.

Discutir qualidade no jornalismo implica enfrentar incapacidades, e propor soluções. Como se pode medir a excelência de uma reportagem ou notícias? Guerra se atreve a avançar na proposição de rankings de qualidade, analisando boas práticas da gestão editorial em produções brasileiras e portuguesas. O autor recorre a um sistema com diversas variáveis e mensurações e que considera que quanto melhor o desempenho na avaliação, maior a credibilidade do produto observado. O artigo é um bom exemplo de pesquisa aplicada, que alia inovação tecnológica – já que o sistema de avaliação está em fase de desenvolvimento – a preocupações gerenciais na organização jornalística.

De forma semelhante, Pithan, Kalsing e Eichler articulam medição de audiência e autocrítica profissional, tensionamento que propicia compreendermos como jornalistas concebem seu trabalho – e a qualidade envolvida - sob a influência de métricas nas decisões editoriais.

Os dois artigos seguintes deste dossiê analisam aspectos urgentes e inadiáveis no contexto da cacofonia e confusão informativas contemporâneas. Prazeres e Ratier abordam os vetores conflitantes da hiperinformação, da desinformação e da infociação. Estão em tela o aumento vertiginoso da velocidade no tempo social e a desorientadora complexidade das tramas relacionais, coordenadas do que chamamos de contemporaneidade. Rocha e Alves, por sua vez, problematizam ética jornalística numa atmosfera de fortalecimento da autoridade do público e aumento de poder e protagonismo da cidadania.

Fecha o dossiê o artigo de Gadini e Adam que reflete sobre a ética jornalística no processo produtivo da biografia de Carlos Marighella, executado há cinquenta anos pelos órgãos de repressão da ditadura militar.

Boa leitura!

Carlos Camponez e Rogério Christofolletti